

À TARDE DE DOMINGO PRONUNCIEI SEU NOME

...então, fizemos as pazes

JD MORBIDELLI

Do alto da torre os sinos repicavam, anunciando o momento da celebração. Celebração para quê? Para demonstrarmos – a nós mesmos, talvez – um pouco da insignificância diante do que é belo, divino e incompreensível! E é no incompreensível que encontramos aquilo que parece fazer sentido às nossas vidas; mesmo que paradoxal, os mistérios não precisam, necessariamente, ser compreendidos – do contrário, deixariam de ser mistérios –, mas simplesmente sentidos.

CAPÍTULO 1

SEGUNDA-FEIRA

Desembarquei na velha estação ferroviária às 7 horas de uma segunda-feira terrivelmente gelada. Aos poucos, os primeiros raios solares foram dissipando a tênue névoa que se formara com a madrugada. Não parecia o mesmo cenário de 25 anos atrás, quando deixei a vila; pela plataforma, antes apinhada de transeuntes, circulava meia dúzia de rostos estranhos. Talvez me defrontasse com amigos de infância, mas nenhum traço físico parecia familiar. Olhei em volta da estação; as paredes deterioradas causavam sensação de desleixo e abandono. Permaneci inerte durante algum tempo, tentando me adaptar novamente àquele lugar e sentindo-me como um viajante em retrocesso no tempo, sentimento que causou certa melancolia. Nada prazeroso e tampouco ruim; não enriquecedor para a alma como defendem os românticos inveterados, e nem sombrio a ponto de me arraigar no pensamento freudiano. Simplesmente, uma sensação momentânea de impotência.

Fui despertado e conduzido de volta à realidade assim que o apito soou e o trem retomou os trilhos, serpenteando a mais linda montanha que adornava meus sonhos. Observei-o deslizar como uma centopeia apressada até desaparecer por completo, como se engolido por um enorme espécime que muda de cor conforme a estação – esbranquiçada no inverno, verdejante no

verão e matizada na primavera. Exceção a mim, ninguém mais desembarcou. Apesar de estranho, não dei importância; cada um que seguisse seu rumo, como eu também faria. Não havia mais volta; ali estávamos eu e a estação, a estação e eu. Nada de mais trens pela manhã.

Sentei-me para refletir um instante sobre o que estava fazendo, pelo menos até que o sol afugentasse de vez o frio; levantei-me de súbito, melhor não protelar minhas ações e seguir à risca o que planejara minuciosamente. A escuridão e o silêncio de noites e mais noites mal dormidas haviam clareado completamente minha consciência, presenteando-me com a lucidez de uma decisão irreversível. Cada minuto é importante e a semana passa num abrir e fechar de olhos; melhor, portanto, não gastar meu precioso tempo com futilidades. Nada mudaria minha opinião, apesar da vulnerabilidade a sentimentos nostálgicos que poderiam colocar à prova princípios que defendia desde que deixei de ser um adolescente provinciano para tornar um homem de verdade. Respirei fundo até sentir a lufada de ar gelado penetrando por minhas narinas e chegando aos pulmões, pendurei a mochila de couro surrado às costas e, sem olhar para trás, trilhei a estrada de chão batido em direção à vila.

Caminhei sem pensar nos motivos que me levaram a tomar aquela decisão, certamente absurda às ditas pessoas normais – se bem que hoje em dia, ser normal é anormal –, mas não para mim, concentrando-me somente no cumprimento da primeira etapa do plano. Tudo estava mentalmente arquitetado, mas para me certificar de que nenhum detalhe seria esquecido, tomei a precaução de fazer algumas anotações num pedaço de papel, cacoete cultivado desde o colegial. Releer aquelas linhas turvava minha visão, e as letras pareciam flutuar causando uma sensação estranha, praticamente indescritível, como uma mescla de ansiedade e emoção; agradável em certos momentos, péssima em outros. Há tempos necessitava de um bom motivo para me emocionar, mesmo que motivada por uma circunstância tão inusitada.

Ao contornar a curva do morro que desde os tempos de menino limitava a estação do perímetro urbano, vislumbrei as torres da velha igreja, o mesmo templo em estilo gótico com traços renascentistas onde passei boa parte da infância. Líder dos coroinhas – se é que há liderança para tal função –, nas missas dominicais cabia a mim a responsabilidade de carregar a cruz cravejada de pedras coloridas e liderar a procissão dos meninos até o presbítero. Embora

despertasse a atenção dos fiéis, confesso que não me sentia à vontade dentro daquela túnica branca com golas vermelhas, como um sacerdote em miniatura; e mais, participando de um ritual que, na verdade, desconhecia o real significado. Não fosse por imposição do conservadorismo religioso exacerbado de minha mãe, não perderia as manhãs quentes de verão – tão raras nas montanhas – dentro de uma igreja mal ventilada; preferiria, mil vezes, brincar com os amigos.

Foi só me aproximar para notar, tal qual a estação ferroviária, o mesmo desmazelo quanto à preservação. As paredes externas careciam urgentemente de reboco novo e há anos não viam uma demão de tinta; as altas torres resistiam bravamente ao tempo; no lugar do grande relógio de numerais romanos, apenas um espaço vazio e feio. Enfim, muita coisa mudara com o passar do tempo, para pior.

Já visitei inúmeros museus e templos pelo Velho Continente e, numa concepção meramente artística, é deslumbrante o efeito produzido pela junção dos raios solares com os vitrais coloridos – como uma aurora boreal. Li, não me recordo se num livro ou site que, ao contrário da escuridão do estilo românico, no gótico a luminosidade faz com que o homem se eleve espiritualmente, uma deferência diante daquela aura mística ou luz divina que emana dos céus segundo os crédulos. Não sou assim tão religioso para acreditar nessa teoria religiosa, nem catedrático o bastante para dissertar sobre artes sacras; apenas acho interessante esse simbolismo – ou analogia. Na igreja da vila, não havia vitrais.

Planejei uma visita ao altar, mas sequer imaginava minha reação ao pisar na nave central. Tanto tempo passado, mas tudo ainda parecia tão recente em minha mente: a figura do padre me olhando de maneira obscena antes da missa; as ameaças de castigo eterno caso não me submetesse aos seus desejos, ou aos desígnios divinos como apregoava. É incrível como funciona a mente de uma criança de 12 anos: o medo do inferno; a inocente visão de que os sacerdotes são representantes absolutos do criador e, por isso, podem fazer o que bem entendem; o receio de magoar os pais e não ganhar presentes no aniversário. Fortuitamente, viajei novamente no tempo, um regresso nada agradável à infância. Mordi os lábios até doerem e, então, lágrimas brotaram no

canto dos meus olhos, frutos de uma ira incontida que não esperava sentir novamente.

Na maturidade compreendi as necessidades físicas e emocionais do ser humano, inclusive de religiosos que se veem obrigados a se absterem aos prazeres da vida. Percebi que as imposições religiosas não passam de meras camuflagens para ludibriar os seguidores, pois todos buscam prazer naquilo que lhes convém.

Ao dizer que *todo mundo é parecido quando sente dor*¹, o poeta remete a sentimentos e não necessariamente à dor física. Se há quem mereça repreensão são os que determinam regras que, se não existissem, teriam privado a mim e outros garotos de situações que moldam nossa vida para sempre

Diante das experiências passadas que tanto envergonham e me causam repulsa, passei a dar mais valor às questões práticas e menos à fé. Acredito na existência de alguma entidade divina; sei lá, no entanto, se é justa ou injusta. Confesso que tenho dúvidas e não atribuo à religião o valor supremo de reger e orientar minha vida. Para mim a religião precisa de divindades, mas as divindades não necessitam das religiões. Que meus pais me perdoem e que o Todo Poderoso, em sua sabedoria e grandeza, faça o mesmo caso julgue equivocada minha postura espiritual, ou igualmente falha a decisão tomada de encurtar minha existência terrena. *Que meu corpo seja cremado e minhas cinzas alimentem a erva, e que a erva alimente outro homem como eu*². Quanto ao espírito, sabe-se-lá para onde vá; espero que para um bom caminho.

Retirei outra vez do bolso o pergaminho amassado com letras de forma, agora nítidas e estáticas. Um pouco mais de coragem faria com que eu entrasse na nave sem hesitação e me livrasse de uma das obrigações previamente estabelecidas, principalmente num horário em que não encontraria ninguém, exceto o padre – a casa paroquial era uma edícula da igreja. Num silêncio indecoroso orei para que ele estivesse morto e em bom lugar, mas distante das criancinhas que habitam o reino dos céus. Atravessei o pórtico e galguei alguns passos; hesitei, parei novamente para refletir e olhar a imagem de Jesus crucificado na parede lateral, o mesmo Cristo a quem

¹ *O Poeta Está Vivo*, música de Roberto Frejat e Dulce Quintal

² *Canto Para Minha Morte*, música de Raul Seixas

recorria antes e após os pesadelos. Mas como poderia me ajudar se ele próprio parecia carente de ajuda? Só sei que, em meio a devaneios, corri muito com o padre no meu encalço estalando o chicote, gritando blasfêmias e exigindo que voltasse à sacristia. Pregado à cruz, ainda assim talvez Jesus me socorresse; afinal, eu sempre acordava antes de ser alcançado.

O relógio é impiedoso e eu estava atrasado em relação ao que planejara. Decidi, assim, deixar a igreja para mais tarde, ou quem sabe outro dia. Saí.

A arborizada rua onde nasci e vivi até a adolescência estava completamente deserta, sem pedestres, sem carros, sem o cantarolar dos passarinhos. Nenhuma construção nova, nada que indicasse progresso; o tempo parecia ter estagnado. Nem mesmo sinal dos vizinhos, que habitualmente acordavam cedo para aquecerem ao sol enquanto tomavam o desjejum nas varandas. Imaginei qual seria o primeiro rosto familiar a me defrontar: um colega de infância, uma antiga namorada circulando de mãos dadas com o marido ou um parente. Essa última hipótese causava arrepios; sabe-se lá que palavra brotaria de minha boca após tão longa ausência. As batidas no coração tornaram-se mais ritmadas ao avistar os altos muros que protegiam o casarão – como se referiam à nossa casa –, tal qual uma fortaleza medieval, revelando ao universo exterior somente as partes mais altas da edificação. Fiquei em dúvida se acelerava ou retardava os passos, indecisão que me fez parar por mais alguns minutos. Olhei para trás e, subitamente, senti vontade de correr à estação e tomar o próximo trem de volta à cidade grande. Não, decididamente não seria digno se assim o fizesse.

O sol se desvencilhara por completo das encostas lestes da montanha, e desfilava seus raios ainda tímidos sobre os telhados da vila. Logo o inverno chegaria ao fim, e o alvorecer da primavera coloriria a natureza com novos matizes. Uma tênue folhagem esforçava para revestir os galhos nus das árvores, num ciclo repetido ano após ano; em breve os primeiros botões começariam a florescer. Com as flores viriam os pássaros e, com eles, som e vida àquele lugar aparentemente esquecido e abandonado. Assim eu supunha, pois ali nem mesmo os invernos eram tristes – naturalmente, falando.

A caminhada desde a estação fez com que gotas de suor escorressem por minha testa. Retirei a jaqueta de couro e a ajeitei junto à mochila, causando

alívio ao descobrir parcialmente o corpo. Sentia-me ansioso ao extremo; não por menos, estava a poucos instantes de rever meus pais, embora não soubesse como me dirigir a eles, muito menos justificar o motivo do inesperado regresso e o porquê de permanecer somente uma semana. Queria, simplesmente, abraçá-los e explicar o inexplicável. Tanto tempo sem uma única carta, telefonema ou e-mail. Provavelmente eles me julgavam morto, e eu não queria interpretar o papel de um fantasma voltando para assombrá-los. Jamais me arrependi de minhas decisões, mesmo porque segui os conselhos de alguém por quem sempre nutri grande consideração, um desses amigos que não se encontram em qualquer esquina. Feliz ou infelizmente, ele também deixou a vila alguns meses após minha partida; e seu mal explicado assassinato me pegou totalmente de surpresa, fazendo-me rever alguns princípios, preponderantes para determinar meu objetivo final, não sem antes corrigir os erros que julgava ter cometido e pôr um fim em situações até então inacabadas. Lembro-me perfeitamente do timbre de uma voz ao telefone detalhando o crime enquanto meus pensamentos vagavam, tempo e espaço cruzando numa fração de segundos perante meus olhos, como um filme em rotação acelerada e final surpreendente. Se os laços que o prendiam àquela cidadezinha perdida entre as montanhas haviam sido desatados, sua morte também enterrou meus segredos; se bem que ele jamais revelaria detalhes sobre meu paradeiro, especialmente à minha família.

Não quero ser julgado ou erroneamente interpretado por meus atos. Tive motivos e não voltei para perdoar ou ser perdoado, muito menos em busca de reminiscências. Tudo fazia parte de um plano, elaborado com muita parcimônia e noites em claro, tendo como companhia uma garrafa de conhaque e as reflexões acerca do bem e o mal, do certo e o errado, do amor e o ódio, do excesso ou falta de sentimento. Fui vítima no passado e seria vítima no futuro; portanto, qualquer responsabilidade deveria ser delegada somente a mim. Antes, a questão era descobrir se a vida precisava ter algum significado para ser vivida. Agora, ao contrário, ficou evidente que ela será vivida melhor se não tiver qualquer significado³.

Detive-me defronte ao casarão e fiquei consternado com o que vi, mesmo sem um ângulo privilegiado. Assim como outras grandes construções,

também suplicava por reforma. Como papai deixou a situação chegar àquele ponto; logo ele que sempre teve tanto zelo com as posses da família? E quanto à mamãe, que fazia questão de cuidar do jardim como sua própria sala de estar? Aos olhos da sociedade local o casarão era tido como objeto de desejo, e não foram poucas as propostas para que papai o vendesse.

– Aqui nasci e aqui hei de morrer – costumava dizer, encerrando conversas de negócios que nada lhe agradavam.

De fato, o casarão chamava atenção e muitos chegavam a espichar o pescoço para admirar melhor sua arquitetura neoclássica além dos altos muros. Um enorme arco de pedras adornava a entrada principal, e tanto as paredes frontais como as laterais eram decoradas por grandes janelas quadriláteras. Somente o portão de madeira nobre, no qual costumava dependurar para olhar a rua, parecia imune ao tempo. Rememorei as festas de fim de ano em companhia dos primos, todos ansiosos para ver a tradicional queima de fogos. A expectativa de abrir os presentes de Natal era tão intensa que a noite anterior durava uma eternidade. E os doces deliciosos encomendados por mamãe, que até hoje me deixam com água na boca. Após deixar a vila, meus fins de ano nunca mais foram tão festivos e, certamente, os de papai e mamãe também não.

Espiei através da fresta do portão de carvalho. O mato tomava conta do jardim, as roseiras cederam lugar às ervas daninhas, e nem mais se notava o gramado, antes constantemente aparado. Nenhum serviçal. O cenário remetia a um quadro frio e sem vida, pintado por qualquer artista amargurado e sem inspiração. Senti um calafrio na espinha.

Forcei a pesada madeira que rangeu produzindo um som lúgubre; um pouco mais de força e o portão cedeu o suficiente para permitir a passagem de um magricela. Apesar das circunstâncias contrárias, ainda mantinha esperanças de encontrar alguém morando ali; não havia motivos para que meus pais se mudassem. Eles deveriam ter me procurado durante muito tempo até, provavelmente, constatarem que o amado filho caçula estava morto. E quanto ao corpo? Se bem a conhecesse, certamente mamãe não seria facilmente persuadida sem informações concretas que colocassem fim às suas dúvidas, independentemente do tempo transcorrido. Tomei o devido cuidado

³ Albert Camus, escritor franco-argelino.

para não deixar pistas sobre meu paradeiro; percorri muitos lugares; passei fome e frio até chegar à metrópole. Foi lá que reconstruí minha vida – se bem que falar em reconstrução aos 16 anos soa um tanto exagerado –, social e ideologicamente. Depois de alguns anos fazendo parte das estatísticas menos favorecidas, arrumei um emprego que me permitiu sobreviver dignamente. Jamais liguei para tendências e não me defino como um autêntico personagem do universo contemporâneo.

Abdiquei-me do conforto propiciado pela ótima situação financeira familiar por princípios pessoalmente julgados como ideais, sem nunca me arrepender de nada. Com uma pitada de sorte – ou obra do destino –, minha vida teve uma ascensão que até me deixou assustado. Mesmo assim o passado ainda me atormentava e, sem condições de administrar a situação, fui obrigado a voltar para tentar reparar as arestas de assuntos indefinidos ou mal resolvidos. Só assim poderia partir para o outro mundo, conforme minhas crenças, com o coração leve e regado de uma paz impossível de imaginar na dimensão terrena. Sem fé divinal, mas em harmonia.

Circulei pelo casarão verificando portas e janelas até constatar que todas estavam trancafiadas. Não havia dúvidas de que minha família havia se mudado. Fingi não acreditar no óbvio; aproximei-me novamente da entrada principal e bati com força na folha de madeira. Esperei pela resposta que não veio, mas continuei insistindo.

– Papai, mamãe, sou eu! – o tom da voz aumentou gradativamente até transformar num grito de quase desespero.

Embora sempre muito comedido nas ações, o filme roteirizado em minha mente descambava para a insanidade. Um turbilhão de possibilidades efervescia em meu cérebro numa fração de segundos, e eu não conseguia encontrar uma explicação convincente para a desocupação do casarão, sobretudo por sua fama de animação, com crianças correndo, pais aflitos tentando controlar os impulsos dos filhos, vizinhos chegando para as festas e eventos promovidos por mamãe, sempre envolvida em ações de cunho humanitário.

Definitivamente, nada fazia sentido. Quase chorei de desespero e, por um breve instante, cheguei a arrepender de certas atitudes do passado; não a de deixar a vila, mas por não ter mantido contato com os parentes. De novo fui

assaltado pelo ávido pensamento de voltar à estação; contudo, teria mais uma dúvida a me atormentar: o que teria acontecido com minha família?

Parei em frente à porta da cozinha, alcançada por alguns degraus. Por vezes seguidas, forcei a fechadura sem sucesso. Bati o ombro contra a madeira que rangeu como o portão, derramando uma fina camada de poeira em minhas costas. Absorto, observei as partículas de pó flutuando lentamente pelo ar; consciente, afastei-me e, num impulso, chutei-a fortemente com a sola do coturno, imaginando um golpe contra um feroz inimigo. Nada. Na terceira vez a porta removeu alguns centímetros, embora ainda permanecesse presa ao assoalho. Distanciei e arremeti com toda a força do ombro; a madeira cedeu e eu estateei no chão, pelo lado de dentro.

Os primeiros indícios confirmaram minha intuição; o casarão fora abandonado há muito tempo. Os armários estavam com as portas entreabertas, e uma grossa camada de poeira cobria a mesa e os eletrodomésticos; o cheiro de bolor causava náusea. Na sala, um pano amarelado – antes, branco – cobria os móveis e objetos. Teias de aranha se emaranhavam nos lustres e nos cantos das paredes. Retirei o lençol e sentei-me na poltrona em frente à lareira, onde papai lia o jornal e se aquecia nas manhãs de inverno. Estiquei as pernas e fechei os olhos, lutando contra uma mente perdida em pensamentos que me assombravam. Não contava que logo na primeira etapa do plano já me deparasse com um quadro tão diferente do que imaginara. Subi as escadas e entrei naquele cômodo que um dia usei como quarto. Com exceção à poeira, tudo estava exatamente da mesma maneira como o deixara, cada detalhe no devido lugar: a colcha favorita, provavelmente infestada de traças; a bicicleta encostada atrás da porta; a cômoda azul marinho estilo Luís XV⁴; o criado-mudo com o abajur clássico que mamãe adorava, mas que para mim não passava de um adorno insignificante; e a escrivaninha com uma pilha de livros que jamais li. Sentei-me na cama e passei a mão pelo retalho até que meus olhos fixaram o porta-retratos sobre a cabeceira, com minha foto entre papai e mamãe. Apanhei-o e o encostei contra o peito, como se aquele gesto me confortasse e atenuasse um pouco minha angústia. Logo me vi deitado e adormeci. Já não tinha pressa para nada, embora só tivesse uma semana pela frente.

Aos 12 anos imaginava que a vila fosse o lugar ideal para passar a juventude e a velhice. Jamais planejei me aventurar pelo mundo em busca de descobertas, razões ou respostas que me satisfizessem como ser humano. A vida tem um significado diferente na mente de um garoto, cuja rotina é ir à escola, brincar e fazer as lições de casa. Não tive uma infância diferente de outros meninos, a menos pelas atividades religiosas que forçosamente desempenhava. Meus pensamentos e atitudes foram sendo moldados com o início da adolescência, e logo percebi que minha permanência na vila seria breve; não era mais o local ideal e aquela rotina me sufocava. Os sábios conselhos de meu amigo me influenciaram a tomar a decisão de partir. Na escola também parecia não haver mais espaço para mim e minhas ideias; revolucionárias, talvez; antiquadas, supostamente. Os professores e alunos não me compreendiam, mas prefiro pensar que não acompanhavam meu raciocínio. Defender os ideais de liberdade resultou em reprimendas e suspensões, criando certo desconforto nas relações familiares. Entretanto, esse não foi o principal motivo de minha partida. O padre, sim, pesou muito na decisão, pois não conseguiria mais encará-lo depois de tudo que me havia dito e forçado a fazer. Não queria me tornar um assassino precoce, mas é o que aconteceria caso não tomasse uma decisão definitiva.

– Adolescente mata padre a sangue frio – diriam as manchetes sensacionalistas, dignas dos romances policiais de Truman Capote⁵, enquanto que a cidade se transformaria num verdadeiro circo midiático, com os jornalistas sedentos pela notícia como carniceiros em busca dos restos da presa; todos, invadindo minha privacidade e amputando meu espírito até não restar absolutamente nada, nem mesmo um mínimo de dignidade.

Passado o cataclisma pessoal, o derradeiro sentimento nutrido pelo padre era de pena, embora as recordações ainda me corroessem a alma. Mesmo sem pensar mais em abreviar sua vida terrena, queria olhar bem dentro de seus olhos e proferir algumas palavras de desabafo; só assim encontraria paz após a morte. Se o reencontro com a família tinha se tornado a principal razão da minha volta, certamente o embate com o padre consistia na missão

⁴ Estilo de mobiliário francês, herança do reinado de Luís XV.

⁵ Truman Streckfus Persons, escritor norte-americano.

mais árdua. Por isso, talvez, no exato momento em que pisei na igreja, decidi alterar a ordem dos planos.

Encarar minha irmã mais velha soava mais como desafio do que propriamente obrigação; aliás, não me sentia obrigado a nada, apenas disposto a pôr um ponto final em qualquer dúvida a respeito de minha existência, prestes a ser exaurida, riscada do mapa; pois, a morte é algo essencial, porque é ela que permite que a alma se dissocie da matéria e alcance o verdadeiro conhecimento, estando livre em sua forma mais pura⁶.

Digo que meus pais, apesar de exigentes e preocupados com minha formação, jamais me levantaram a mão, tarefa que ela exercia sem a menor hesitação. A atitude austera não se restringia somente a mim, mas também aos próprios filhos. Única casada, tratava-me como um de seus três pirralhos. Penei, mas hoje só tenho a agradecê-la por me ajudar a encarar as relações familiares com visão mais crítica. É importante haver numa família alguém ponderado e, no contraponto, um disciplinador, mesmo com atitudes arbitrárias e até impulsivas. Quanto aos outros irmãos – dois homens e uma mulher –, jamais tive qualquer desavença, salvo às discordâncias naturais decorrentes da convivência diária. Sempre gostei de todos e acredito ter falhado como irmão em certos momentos; contudo, nunca me senti mal por isso, pois todo ser humano é suscetível a falhas.

Acordei num sobressalto. Saltei da cama, o porta-retratos colado ao peito voou e o vidro se desfez em estilhaços. Lamentei e, numa atitude patética, pus-me a juntar os cacos para restaurar algo que não tinha conserto; quiçá meu passado fosse como um quebra-cabeça, sem fazer sentido por falta de peças. Coloquei-o de volta sobre a cabeceira e olhei o relógio; o Montblanc⁷, comprado na Galeries Lafayette Paris Haussmann⁸, marcava 16 horas. Como pude dormir tanto tempo?

Ao tatear os dedos pela empoeirada veneziana e espiar a rua, percebi que não estava sozinho; um casal caminhava pela calçada oposta, a única visível do ângulo em que me encontrava. Forcei-me para reconhecê-lo, mas nenhum rosto pareceu familiar. Senti-me animado, pelo menos alguém poderia

⁶ Sócrates, filósofo grego.

⁷ Famosa marca de relógios, originária de Berlim (Alemanha).

⁸ Famosa e centenária loja de departamentos, em Paris.

saber sobre o paradeiro de minha família. Desci as escadas aos tropeços, despertando de um sono breve, mas profundo. Empurrei o portão e os raios solares, que ainda traziam um pouco de vida àquele ambiente mórbido, ofuscou meus olhos. Foi quando vi mais duas pessoas da minha faixa etária em frente às suas respectivas casas. Também não as reconheci.

– Não importa – disse a mim mesmo.

A maioria dos imóveis continuava fechada, praticamente abandonada. Caminhei algumas dezenas de metros até um senhor de cabelos brancos, com cerca de 60 anos, recolhendo o lixo do quintal – nem mais sinal do casal que caminhava na calçada. Esforcei-me para reconhecê-lo, inutilmente. Precisava de um rosto familiar, com afinidade e que me nutrisse com explicações e informações sobre minha família. Sentia-me como um estrangeiro num país nunca visitado.

As pessoas me olhavam com certo interesse; algumas com curiosidade, outras denotando surpresa, provavelmente questionando de onde vinha o forasteiro. Tal hábito persistia, aquele receio dos moradores locais em relação aos visitantes. Penso que todas as cidadezinhas são assim; de tão integradas, as comunidades sentem-se ameaçadas diante do desconhecido e veem qualquer intruso como perturbador da paz e dos bons costumes – clichê, mas real. Não os culpei, mas senti-me impotente por não poder dizer que também era filho daquele lugar e que estava disposto – ao menos naqueles dias – de resgatar certos valores que havia abandonado. Não mudaria, em menos de uma semana, a imagem transfigurada de um desertor – por assim dizer – ao longo de mais de 25 anos, mas nem tencionava. Queria tão somente cumprir um plano, jamais suplicar perdão. Se o tempo voltasse, teria agido exatamente da mesma maneira.

Uma senhora à varanda fez o sinal da cruz assim que me viu na calçada para, em seguida, entrar e fechar a porta. Achei estranho, mas não dei importância. Ninguém sabe ao certo o que se passa na cabeça dos idosos.

Ao me aproximar do senhor no quintal, ele virou e me encarou fixamente como se adivinhasse tratar de alguém em busca de informações. Seu olhar quase queimava minha face. Definitivamente, percebi que não era bem-vindo.

O timbre de sua voz confirmou minha suspeita.

– Está procurando alguma coisa, estranho?

Num impulso de defesa, quase revelei minha identidade. Não era desconhecido; pelo contrário, vinha de uma das famílias mais tradicionais da região, mas limitei a encará-lo com a mesma seriedade, atitude que o fez desviar a atenção e voltar ao trabalho.

– Estou procurando os moradores do casarão – respondi. – Estive lá e não encontrei ninguém.

Sem parar de varrer o quintal, ele iniciou um interrogatório que nada me agradava.

– Por acaso é conhecido da família?

Não respondi.

Ele parou, apoiando o braço no cabo do rastelo.

– Vem da capital, presumo?

Eu buscava míseras informações, sem revelar detalhes pessoais. Sem parecer indelicado, perguntei-lhe sobre o paradeiro da família.

Ele retomou a atividade, percebendo que eu não estava a fim de esticar a conversa.

Agradei e me virei, quando ouvi novamente sua voz alta e nítida.

– Se está interessado em comprar o casarão, saiba que foi vendido no verão passado.

Parei, pensei. Vire-me novamente.

– Vendido?!

– Ficou muito tempo fechado – disse, mais amistoso. – Ninguém se interessava, principalmente por causa das histórias de assombração que muitos juram serem verdadeiras. Agora, o estranho quer saber o que eu acho? Que tudo não passa de uma grande besteira.

Fiquei muito interessado na conversa.

– Ninguém se interessava porque estamos longe de tudo, isolados atrás dessa montanha – continuou, enquanto amontoava a sujeira. – Não há progresso por aqui, mas eis que apareceu um figurão cheio da grana; e dizem que até pagou à vista! Bem, é o que ouvi dizer.

Senti-me como um pugilista nocauteado. Por que meus pais venderiam o casarão? Que história era aquela de assombração?

– Não, não estou interessado em comprar o casarão. Quero somente encontrar as pessoas que viviam nele.

Sua atenção a mim dispensada era total, talvez movida por mera curiosidade ou por não me considerar uma ameaça.

– Olha, eu moro aqui há cinco anos e tudo que sei é o que o povo comenta, que um dos filhos do casal sumiu e os pais o procuraram desesperadamente por anos; até contrataram detetive particular.

A palavra “abandono” soou como um fardo enorme. Embora não admitisse, era justamente o que eu havia feito: abandonado minha família. Contive-me para não deixar transparecer minhas emoções.

– A família só deu por satisfeita depois que o corpo do garoto apareceu boiando nas águas do rio – continuou. – Totalmente desfigurado e só reconhecido pela arcada dentária.

Meu coração falhou uma batida. Apoiei-me no tronco de uma árvore para melhor equilibrar. Felizmente, o senhor seguiu varrendo o quintal e não percebeu meu súbito mal-estar.

– Não conheci nenhum deles; nem davam as caras na comunidade. Dizem que foram aconselhados a vender a propriedade, mas permaneceram até o falecimento do pai e, em seguida, da mãe. Depois, os filhos se mudaram e nunca mais deram notícias. Até os vizinhos negociaram suas posses. A rua ficou praticamente deserta e a cidade estagnou, tudo por culpa de um maldito fantasma.

A morte sempre pareceu conveniente aos outros, jamais à minha família. Não me passava pela cabeça a ideia de que meus pais tivessem partido antes de mim. Inconscientemente esperava encontrá-los gozando de boa saúde, mas fiquei profundamente entristecido sem saber disfarçar os sentimentos. Senti as pálpebras pesadas pelas lágrimas; porém, a descoberta me munuiu de uma dose extra de coragem para cumprir o que planejava e esperava ansiosamente que a semana passasse depressa, no mesmo ritmo da segunda-feira. Eu iria ao encontro dos meus pais, se é que merecia reencontrá-los. Nem me importei pelos moradores atribuírem a mim a responsabilidade pela decadência da cidade; aliás, estava curioso para conhecer mais detalhes sobre aquela história de fantasma e, quem sabe, até visitar minha própria sepultura no cemitério municipal.

Percebendo meu desapontamento, solícito o senhor parecia aguardar a próxima pergunta.

– Tem certeza de que ninguém sabe do paradeiro do resto da família?

– Absoluta.

– E quanto ao comprador?

– Lamento, mas não posso ajudá-lo. O proprietário jamais apareceu; aliás, ninguém sabe praticamente nada a seu respeito.

– É uma pena. Sou um antigo amigo da família – menti. Qualquer informação é importante.

Ele fez uma pausa reflexiva, como se buscasse algum lapso de memória.

– Espere um pouco – disse, elevando a voz. – Talvez o padre saiba de algo. Dos moradores mais antigos, é um dos únicos que ainda mora na vila. Só que...

– O padre! – pensei.

– Só que ele anda meio esclerosado, fica falando que o fantasma do garoto o persegue.

– Achei que o padre estivesse morto – disse.

– Não! O coitado não teve essa sorte, mas seus dias estão contados. Está doente e endoidado de vez.

Um pensamento repentino e insano passou pela minha cabeça. A visita ao padre poderia ser mais do que um simples acerto de contas, e eu poderia me tornar o libertador de sua alma. Decidi visitá-lo no dia seguinte, bem cedo.

– Há algum hotel por aqui? – perguntei, para me despedir.

– Ande dois quarteirões e vire à direita – respondeu, apontando – Há uma hospedaria, e não se preocupe porque sempre há vagas.

Agradei e caminhei na direção indicada, com a mente absorta em novas e reveladoras reflexões. Ninguém que encontrei demonstrou qualquer reação, a não ser curiosidade.

Cheguei a um sobradinho de dois andares, também com as paredes deterioradas, invadidas por fungos e trepadeiras. Na placa acima da porta principal, a inscrição “há vagas”; no interior, um balcão de madeira e uma campainha. Toquei e esperei, enquanto meus olhos viajavam pelo ambiente. Num espaço separado da recepção por um muro de meia altura havia um jogo de sofá e um tapete decorado com motivos florais. Papéis, também floridos, revestiam as paredes. Com as janelas fechadas, pelas brechas os raios

enfraquecidos do lusco-fusco se esforçavam para iluminar o ambiente que, no geral, parecia limpo embora simples e nada elegante. Um lustre brotava do teto como a raiz de uma árvore disposta ao contrário, provavelmente herança de família ou comprado numa loja de antiguidades.

Uma mulher balofa de meia idade usando um vestido de tecido barato, veio me atender.

– Preciso de um quarto.

Ela me olhou com simpatia, certamente porque não costumava receber muitos hóspedes.

– O moço está com sorte, pois ainda temos vaga – disse, dissimulada.

Não havia hóspedes, mas é óbvio que ela queria causar boa impressão para não perder um cliente. Em seguida, perguntou meu nome e quanto tempo pretendia ficar.

– Uma semana – respondi.

Ela anotou meus dados num caderno de capa dura e pediu que assinasse; finalmente, entregou-me as chaves.

– Só subir as escadas, ao final do corredor. É nossa suíte.

Meu estômago roncou.

– Vocês servem refeição?

Seus olhos brilharam com a pergunta. Decididamente, ela precisava de algo para se ocupar e eu havia salvado seu dia, ou semana; talvez, o mês.

– Sim, servimos.

Agradei e subi, precisava tomar um banho.

CONTATO COM O AUTOR

jdmorbidelli@gmail.com